

Alguns contributos para o estudo da identidade das empregadas domésticas em Portugal

Convivi de perto, ao longo de três anos, com as empregadas do serviço doméstico duma cooperativa de Lisboa. Tentei aprofundar essa experiência como mulher-a-dias e levando a cabo, durante um ano, uma série de entrevistas por todo o País.

Não tive ainda tempo para dar o devido tratamento ao material recolhido. No entanto, achei útil avançar com esta comunicação, que pretende ser um pequeno contributo para a compreensão da identidade da empregada doméstica em Portugal.

As empregadas domésticas representam no sector activo em Portugal um peso há muito desconhecido nos restantes países da Europa. Apesar disso, são um dos grupos sociais mais ignorados, embora a sua importância não possa ser só aferida ao nível quantitativo, dado que, para além das tarefas práticas da manutenção da casa, a elas são atribuídas responsabilidades na educação dos filhos dos patrões.

Contrastando com esta realidade, verifica-se que rareiam os estudos ou investigações sobre a problemática decorrente da situação das trabalhadoras domésticas. Na ficção encontramos esporadicamente algumas personagens dignas de registo, como as de Camilo e Eça¹. Noutra plano, apenas me foi dado conhecer uma monografia sobre a obra de Santa Zita, de Alves Brás, e um pequeno, mas interessante, trabalho sobre a história do serviço doméstico em Portugal de Olegário Paz.

A ausência desta investigação leva a nunca ter sido tratado um problema sociopsicológico fundamental que poderei caracterizar por desenraizamento.

Na altura da pré-puberdade ou puberdade, coincidindo com a formação da identidade psicológica, as trabalhadoras do serviço doméstico enfrentam a seguinte situação:

- O serem mulheres;
- O abandonarem o lar;
- O fazerem-no muito novas;

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

¹ «Les domestiques sont muets. Tout ce que nous pourrions apprendre sur eux, c'est le discours bourgeois qui nous le dira. (...) Dans le discours qui se tient sur les domestiques, on en apprendra donc autant, et même plus, sur l'imagination bourgeoise que sur la condition domestique.» (Anne Martin-Fugier, *La Place des Bonnes.*)

- O choque da transição da província para a cidade;
- O confronto com uma classe social diferente, no seio da qual vão viver e trabalhar.

Estes factores, decisivos no modo como as jovens irão viver a sua adolescência, são determinantes na formação da sua identidade.

Para o enquadramento teórico deste trabalho socorri-me sobretudo de obras dos seguintes autores: Erikson, Marcia, Bosma e Graafsma, Nancy Chodorow. O material que recolhi processou-se em três anos de observação participante numa cooperativa de empregadas do serviço doméstico, na experiência de mulher-a-dias em casas particulares e em 21 longas entrevistas feitas por todo o País.

Na recolha e elaboração do material optei pelos postulados metodológicos formulados por Maria Mies.

O esquema adoptado, bem como algumas tendências e resultados, são uma análise que considero por ora provisória, dado que lhe pretendo dar um tratamento mais aprofundado.

Factores que influenciam a formação da identidade da trabalhadora do serviço doméstico:

- A vida na infância;
- A decisão de ir servir;
- O choque da transição;
- A vivência da adolescente em casa alheia.

A VIDA NA INFÂNCIA

Reportando-me às entrevistas feitas, passo a transcrever alguns extractos:

Éramos seis irmãos e só o pai a ganhar. Vivemos sempre com muita dificuldade, sempre. Por vezes davam-nos alguma coisa para podermos sobreviver (51 anos).

Com 2 ou 3 anos já ia à bicha da fome com a minha mãe. A gente ia para lá às três horas da manhã (43 anos).

A minha mãe sempre trabalhou. Fez muitos sacrifícios para me criar, a mim e à minha irmã. Andava todo o dia com uma tigela de café com pão migado. Trabalhava todo o dia no campo. Se parava, descontavam esse tempo (19 anos).

A origem social é assim determinante na infância. Elas são, na sua quase totalidade, originárias de famílias de poucos recursos económicos; famílias muitas vezes numerosas que subsistem do trabalho assalariado no campo. E as consequências surgem: limitação nas opções e redução do espaço em que se irão movimentar, o que influirá decisivamente a formação da sua identidade.

Logo na vivência do tempo de criança se assinala a prioridade dada ao trabalho em prejuízo do estudo, ao que não são alheios as carências económicas dos pais e o desconhecimento da escola.

As pessoas que contactei durante o trabalho de campo, bem como as entrevistadas, levam-me a concluir que as com mais de 45 anos, na sua maioria, não frequentaram a escola, que o grupo entre os 30 e os 45 anos

tem apenas a 3.^a classe e que só as que tinham menos de 30 anos concluíram a 4.^a classe.

Tiveram desde muito pequenas responsabilidades no trabalho caseiro ou mesmo no trabalho profissional dos pais, e, para estes, a palavra «brincar» tinha apenas uma carga negativa.

Cito:

Tinha 3 ou 4 anos e já ia segar erva. Não era brincadeira, era mesmo preciso. Depois tínhamos de carregar a erva para casa e alimentar o gado. Fui crescendo, ia à escola, mas sempre com responsabilidades cada vez maiores. Antes de ir para a escola fazia a sopa. Levantava-me muito cedo. Nessa altura não conheci brinquedos. Os meus brinquedos foram os utensílios da lavoura (36 anos).

A minha infância foi sempre trabalho e trabalho (19 anos).

Eu nunca brincava, eu não sei mesmo o que é uma brincadeira (58 anos).

É de realçar o facto de, em casa dos pais, desde muito novas, as crianças ajudarem — ou fazerem-no mesmo sozinhas — na lavagem da roupa, o que as leva a descobrir acidentalmente os pensos, o sangue, os lençóis manchados, coisas de que receiam falar com os outros.

Enquanto a situação económica se mostra bastante uniforme, tal não se verifica nas relações afectivas com os familiares, o que tem reflexos na formação da sua identidade.

Disse-me uma entrevistada:

Lembro-me que, em casa dos meus pais, quando o meu pai saía ou ia para fora, nunca dava um beijo à minha mãe. Mesmo a nós, filhos, quando éramos bebês, a minha mãe beijava-nos e o meu pai só nos pegava ao colo. A partir dos 3 aninhos era um beijo raramente e já era muito (29 anos).

A minha mãe, de vez em quando, dava-nos um consolo, um mimo. Só se comia sopa porque não havia conduto e ela dizia assim: «Vocês estão a portarem-se bem: domingo vou cozer batatas.» E no tempo da azeitona fazia-nos migas. Era um mimo, se a gente se portasse bem, se trabalhasse muito (36 anos).

No diálogo entre as pessoas surge subentendida uma afectividade pouco transparente, sobretudo nas relações com a mãe.

No livro de Nancy Chodorow *The reproduction of mothering, Psychoanalysis and the Gender* podemos encontrar uma base teórica para explicar que a exclusividade do serviço doméstico recaía apenas nas mãos das mulheres. Nele se refere que as primeiras experiências de alegria e de dor são identificadas com uma mulher. Esse facto é de extrema importância para o desenvolvimento psíquico dos rapazes e das raparigas. Chodorow, referindo-se ao complexo de Édipo, diz: «As mulheres vão mimar, porque foram mimadas por mulheres.» Essa capacidade da mulher para mimar e o seu atrofiamiento no homem trazem consigo a divisão de papéis. Nisso é que se irá fundamentar a futura repartição do trabalho entre os sexos; a discriminação sexual no emprego ir-se-á reproduzir enquanto o «mimar» for um papel exclusivo da mulher.

A DECISÃO DE IR SERVIR

A decisão de ir servir não surge como mera fatalidade:

Já sabíamos que, gente como nós, tinha que ir trabalhar muito cedo (37 anos).

Na minha aldeia, eu e mais 40 alunas, quando saímos da escola, fomos todas servir (40 anos).

A decisão de servir é encarada diferentemente pelo pai e pela mãe. Enquanto a mãe estimula a filha — «É sempre melhor do que andar no campo à chuva, ao frio e ao sol» (41 anos) e «A servir sempre se é mais estimada» (71 anos) —, o pai e os irmãos olham sempre com desconfiança a cidade:

O meu pai disse: uma filha minha nunca vai para Lisboa. Ele tinha lá estado e sabia o que se passava e não se passava (29 anos).

O meu irmão mais velho sempre se opôs a que eu viesse servir para Lisboa: há lá marinheiros e soldados que se aproveitam das raparigas (34 anos).

O CHOQUE DA TRANSIÇÃO

DA PROVINCIA PARA A CIDADE

Esse itinerário processa-se de três modos diferentes: muitas das raparigas, entre os 8 e os 10 anos, vão servir para casa de patrões dos pais ou numa vila próxima e só depois, a partir dos 10 aos 15 anos, vão para Lisboa; outras são chamadas por raparigas da aldeia ou recrutadas por angariadoras que as colocam na capital. Um terceiro grupo é o daquelas raparigas que, sem darem conhecimento à família, fogem de casa para servir em Lisboa.

Quero aqui salientar a figura da recrutadora que acima referi, a qual, para além dos proventos que auferia com a colocação das empregadas, sobre elas exercia um verdadeiro papel de fiscal, chegando mesmo a aproveitar-se dos seus poucos tempos livres para as obrigar à limpeza da sua própria casa. A ameaça de queixas aos pais e de informações negativas sobre o seu comportamento nas aldeias funcionavam para elas como uma chantagem eficaz.

Para as jovens aldeãs, a capital exercia um grande fascínio e criava-lhes grandes expectativas². Cedo, porém, a realidade se lhes mostrava bastante diferente.

E dizem-nos:

Tinha ouvido falar muito de Lisboa. Somos de um meio pequeno e Lisboa era assim como o fim do mundo. Eu vim com uma curiosidade muito grande. Mas depois de cá estar comecei a chorar pelos meus pais (30 anos).

² «Aller à Paris apparaît comme une véritable promotion.» (Anne Martin-Fugier, *La Place des Bonnes*.)

No principio custou-me muito, porque era um ambiente completamente diferente daquele a que estava habituada. As pessoas não se falavam tanto, há mais movimento, há mais carros e há os aviões (28 anos).

E não é só a transição do campo para a cidade, mas também a

DA VIDA RURAL PARA A VIDA BURGUESA

Cito:

O mais difícil foi o lidar com pessoas estranhas que eu não conhecia, pessoas com outro nível de cultura. Uma pessoa não se sentia bem (28 anos).

Estava habituada a comer batatas, caldo e broa. Não gostava nada das coisas que lá se faziam (40 anos).

Quando para lá fui, a senhora disse-me: «Vivem aqui meninos.» Eu tinha 12 anos, pensava que eram meninos pequeninos e, quando vi aquele camarão muito grande, ainda mais gordo do que o meu pai, pensei: «Aí, meu Deus Nosso Senhor, isto é um 'menino'.» Esta foi uma das coisas que me custaram muito: tratar o filho que já era engenheiro por menino (19 anos).

São as casas, os nomes das coisas, os títulos das pessoas, os electrodomésticos, a comida, que é diferente, todo o ambiente de trabalho que lhe são estranhos. Vai ser nele que elas vão viver, atravessar a sua puberdade, longe dos pais, da família, da aldeia.

Apesar disso, a maioria consegue adaptar-se porque não tem outra alternativa, muitas vezes auxiliadas por uma rapariga da terra que está a servir numa casa vizinha. Mas outras não aguentam. Vão procurando, através de amigas da aldeia, outra patroa ou procuram uma oportunidade para fugir e regressar a casa.

Assim entramos no quarto ponto, no qual vamos tratar

A VIVÊNCIA DA ADOLESCENTE EM CASA ALHEIA

Podemos ver essa vivência sob dois aspectos: o ambiente de trabalho e a puberdade e o desenvolvimento psicosexual em casa alheia.

O AMBIENTE DE TRABALHO

Nele ressalta a ausência de horário de trabalho. Mesmo que tenha sido estabelecido, muitas vezes não é respeitado e são poucos os casos onde há o reconhecimento ao direito a vida própria. A vida é o trabalho e o trabalho é a vida.

As exigências no plano das remunerações dificilmente são postas pelos pais, visto que se dão por satisfeitos em haver uma boca a menos para dar de comer e à rapariga é lembrado que se deve contentar por já ter comida e dormida durante o tempo de aprendizagem, o qual parece nunca acabar.

Os pais delegam o seu poder paternal nos patrões.

As diferenças na alimentação, os quartos debaixo de uma escada ou numa dispensa, o melhor trato do cão do que o que é dado às empregadas domésticas³, o estar sozinha, o mau ambiente entre o pessoal nas casas grandes, onde «a cozinheira também já se julga dona porque tem poder sobre uma miúda» (41 anos), a farda, o avental branco com folhinhos e preguinhas pequeninas, que não era nada funcional, mas definia o papel de cada pessoa e contribuía para o *standing* da casa, levam-nas a dizer:

Aceitava as diferenças entre mim e os patrões porque não tinha outro remédio, tinha que me sujeitar àquilo. Às vezes revoltava-me. Quando a senhora saía, eu começava a chorar, chorava, chorava, porque não tinha com quem desabafar, defendia-me desabafando a chorar (57 anos).

Em contrapartida, e com o correr do tempo, houve mais e mais patrões que pagavam, dentro do esquema estabelecido, um melhor ordenado, que lhes ofereceram um quarto mais confortável e até com mais comodidades do que aquelas a que estavam habituadas em casa dos pais, que as deixavam sair aos feriados e domingos, («apesar de terem o trabalho a dobrar no dia a seguir» (30 anos), que davam licença para receberem amigas no quarto, que ofereciam vestidos das filhas (mas as empregadas sabem, pelo menos inconscientemente, que sem retribuição)⁴. Há ainda aquelas que se sentem em casa das patroas como uma pessoa da família⁵.

Mas para todas elas, seja bom ou mau o ambiente de trabalho, havia sempre:

A responsabilidade por pesadas tarefas numa idade jovem;
A percepção, mais ou menos clara, de que a trabalhadora do serviço doméstico é desprezada pela sociedade;
O verem-se envolvidas, durante e fora das horas de trabalho, nos conflitos dos patrões;
A consciência de que não são uma filha da casa;
A ausência do lar e os raros contactos com os pais, dos quais ainda têm um mínimo de exigências interiorizadas:

O cumprirem o seu dever;
O portarem-se bem;
O exigirem que sejam respeitadas.

Das relações que vêm a estabelecer com os filhos dos patrões decorrem múltiplos conflitos. Senão vejamos:

Não tinha ciúmes da filha da patroa porque podia estudar, mas sim porque ela tinha lá a mãe e o pai (30 anos).

Ou de, com apenas 13 anos, terem de defender os seus direitos perante os filhos muito mais velhos, dizendo-lhes:

³ Em 1971, em Lião, afixaram editais nas ruas onde se lia: «Les personnes ayant des domestiques e des chiens sont priées de les déclarer.»

⁴ «Une dame lui disait: 'Ma bonne doit être heureuse, je lui donne mes robes'. 'Très bien', répondit-il, 'vous donne-t-elle les siennes?'" (Sartre, *Saint Genet Comedien et Martyr*.)

⁵ «Être considérée 'comme de la famille', c'est accepte tout, ne jamais rouspéter, ne pas se défendre, se résigner.» (Maria Arondo, *Moi la bonne*.)

Menina, hoje é sábado e quero sair à 1 hora. Também tenho a minha vida e tenho a minha casa; também tenho de ajudar os meus pais e vou estar aqui até às 5 ou 6 horas para arrumar tudo para que os meninos possam dormir até às tantas (19 anos).

São muitas vezes os filhos pequenos, com os quais estabeleceram uma relação profunda, que vão ser a causa de ficar numa casa onde se sentem exploradas e desprezadas.

Cito:

O meu pai disse: «Se vês que realmente andas cansada» — e foi numa altura em que andei mesmo estafada, tinha 13 anos —, «deixas o trabalho.» Não o deixei porque gostava muito das crianças. Estava já pegada a elas e não as queria deixar assim de pé para a mão (19 anos).

Mas os filhos podem ser também a causa do despedimento. Erikson menciona o problema do ponto de vista da criança educada por uma empregada doméstica:

Se gostas da tua mãe substituta, a tua mãe vai-te deixar mais vezes e em sossego com ela. Se não gostas muito dela, a tua mãe vai-te deixar com ela com um certo sentimento de pesar, mas, se não gostas nada dela e consegues provocá-la, a tua mãe vai despedi-la, mas só para a substituir por uma parecida ou ainda pior. E, se, por acaso, gostas muito dela à tua maneira ou à maneira dela, a tua mãe irá de certeza despedi-la um dia.

A PUBERDADE E O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL EM CASA ALHEIA

Uma vida de trabalho, responsabilidades, onde há pouco espaço de manobra e de experiência, com as regras dos pais interiorizadas, com um caminho pré-traçado, vivendo em casa alheia, onde é mais apreciada se seguir as normas aí estabelecidas, eis a situação em que se encontram muitas das jovens empregadas domésticas durante o período da puberdade.

É ainda durante este período que, estimuladas pela patroa, as poucas economias são destinadas à compra do enxoval, com o qual ocupam o seu pouco tempo livre, transformando-se para elas num símbolo de fuga à vida de servir.

Cito:

Pensei que o casamento seria tudo, ter a minha casa, sair da vida de servir, mas agora vejo que é um erro (30 anos).

Naquela altura tinha muito aquela ilusão do casamento. Hoje já não. Não sei bem definir se era a solução para certos problemas ou se era realmente vontade de casar (28 anos).

Em muitas das entrevistas, a virgindade antes do casamento é inspirada na vontade dos pais e pela moral vigente na aldeia.

Elas dizem:

O meu pai dizia também muitas vezes que, se ele soubesse, nem que fosse no dia do meu casamento, que não ia como deve ser, que não

aparecia no meu casamento, que nunca mais o tratasse por pai porque não me trataria por filha. Era mais isso do que outra coisa que eu meti na cabeça (19 anos).

Na província, uma rapariga que não for virgem, o rapaz não casa com ela. Isto acontece muito, mas agora já está a mudar (30 anos).

Os aspectos que influenciam a formação da identidade aqui tratados apontam tendencialmente para a seguinte conclusão:

As empregadas domésticas não encontram espaço para, à semelhança dos outros adolescentes, viverem e superarem a crise típica desta fase, o que lhes possibilitaria assumir uma decisão amadurecida ao nível profissional, político e religioso. Ao contrário, criam uma identidade prematura e rígida. O desenvolvimento da identidade é bloqueado antes do tempo (*foreclosed*, na terminologia de Marcia). Marcia descreve um adolescente em estado prematuramente fechado como sentindo-se feliz, seguro de si, porém limitado e orgulhoso. Logo que sob uma tensão, ou se se sentir atacado, torna-se dogmático. Ele é muito ligado à família. É sensível à autoridade, procura uma pessoa que seja um chefe forte e prefere segui-lo. Ele acredita na lei e na ordem. Desconfia de opiniões diferentes da sua, mas consegue ser bastante tolerante. Essa tolerância esconde um espírito fechado perante opiniões contraditórias. A força de uma pessoa neste estado é rígida e frágil como o vidro.

A vivência da puberdade pela empregada doméstica em casa alheia não favorece a passagem pela fase da intimidade, que é ainda uma tarefa para a adolescente.

Poucas empregadas domésticas tiveram com os pais uma conversa aberta sobre a menstruação, as transformações que se operavam no seu corpo, a amizade, o namoro. Em geral, limitaram-se aos rumores ou a algumas conversas ao pé do tanque. Quando aparecia pela primeira vez «o período», era quase sempre a patroa que lhes dava algumas explicações, que assumia o papel da mãe, tomando para isso a iniciativa. Mas essa mãe é também a patroa que pode rejeitar ou demitir a empregada logo que queira. Aqui levanta-se um problema que julgo fundamental: a confluência de papéis que não têm por base uma relação íntima estável.

A fase da intimidade é dificultada pelas seguintes situações:

A atitude dos patrões e seus filhos em relação às empregadas domésticas, patrões e filhos que, depois de as terem considerado como um objecto, as vêm agora crescer e despertar nelas a mulher;

O sentirem o ridículo do avental e da farda;

Os piropos que lhes atiram. Cito: «Hei! criada de servir, sopeira... e aplicavam o termo...» (30 anos);

A falta dos pais;

As amigas. Muitas dizem que não têm amigas. Porém, um grupo disse que chegou a ter as suas amigas na praça ou nos passeios de domingo. Mas essas amizades eram muitas vezes censuradas pelos patrões e circunstâncias várias, como a mudança de trabalho, punham-lhes fim.

Quero aqui seguir uma ligação entre estas verificações e o que me foi dado observar durante o meu trabalho de campo: é frequente a oscilação

nas relações de amizade das trabalhadoras entre si, nos seus locais de trabalho, o clima de desconfiança de que se rodeiam. Suponho que a isso não são alheias as dificuldades sentidas pela adolescente durante a fase da intimidade.

As pessoas que contactei durante o trabalho de campo e as entrevistadas ultrapassaram já o período da adolescência. Já enfrentaram muitas vicissitudes, que vieram influenciar e, nalguns casos, transformar a identidade moldada na adolescência. É que, para a maioria, continua bloqueado o espaço onde podiam viver e resolver as suas crises.

É meu objectivo vir a juntar a este trabalho dois anexos:

1. Sobre a vida adulta e as escolhas feitas pelas empregadas domésticas, focando a atitude que tomam na escolha da profissão dos filhos e a situação daquelas que ficam a trabalhar como internas durante toda a vida.
2. As novas perspectivas perante o trabalho doméstico:
 - a) As organizações de classe;
 - b) Da necessidade de reorganizar o trabalho doméstico, focando experiências já feitas em Portugal, os seus erros, as suas falhas e as suas pequenas conquistas. Experiências feitas noutros países.

Tenciono também submeter a análise feita à apreciação e crítica das entrevistadas e incluir essa apreciação como uma parte integrante do meu trabalho.

REGISTO DE ALGUMA BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SERVIÇO DOMÉSTICO

- Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, Lisboa, Europa América.
- Genet, Jean, *As Criadas*, Lisboa, Editorial Presença, 1972.
- Lamartine, A. de, *Geneviève, Histoire d'une Servante*, Paris, Nelson.
- Mirbeau, Octave, *Diário de Uma Criada de Quarto*, Lisboa, Minerva, 1973.
- Swift, Jonathan, *Preceitos para Uso do Pessoal Doméstico*, Lisboa, Estampa, 1970.
- Dias Coelho, M., *O Problema das Criadas*, Lisboa, Gráfica Monumental, 1958.
- Franco Infante, C., *Monsenhor Alves Brás*, Lisboa, OPFC, 1976.
- Documentos diversos da COOPERSERDO — Cooperativa Operária de Serviços Domésticos.
- Id. do Sindicato do Serviço Doméstico.
- Id. da JOC portuguesa e europeia.
- Paz, Olegário, *Subsídios para a História do Serviço Doméstico em Portugal*, Lisboa, Base, 1979.
- «Só a gente que vive é que sabe», depoimento de uma doméstica, Rio de Janeiro, Nova, 1982.
- Arondo, Maria, *Moi, la bonne*, Paris, Stock, 1975.
- Ascoet, Suzanne, «La lutte singulière d'une employée de maison», in *Les révoltes logiques*, n.ºs 8-9, Inverno de 1979.
- Benoite Grouit, «L'Exploitation de la femme par la femme», in *Marie-Claire*, Outubro, 1977.
- Fraisse, Geneviève, *Femmes toutes mains*, ensaio sobre o serviço doméstico, Paris, Seuil, 1979.
- Heers, Jacques, *Esclaves et domestiques au Moyen-Âge dans le monde méditerranéen*, Paris, Fayard, 1981.
- Martin-Fugier, Anne, «La place des bonnes», in *La domesticité féminine à Paris en 1900*, Paris, Grasset, 1979.

- 18 millions de bonnes à tout faire, Paris, Syros, 1978.
- Ottmuller, Uta, «Die Dienstbotenfrage», in *Zur Sozialgeschichte der doppelten Ausnützung von Dienstmädchen im deutschen Kaiserreich*, Munique, Verlag Frauenpolitik, 1978.
- Pausewang, Gudrun, *De dag dat de meisjes het niet langer pikten*, Hoorn, Westfriesland, 1979.
- Landelijk overleg vrouwengeschiedenis, «Een tijp van de sluijer», *Vrouwengeschiedenis in Nederland*, Het dienstbodenvraagstuk in Nederland en de werkloosheid, Amsterdão, 1980.
- Ursula den Tex, «De mevrouw van Mevrouw», in *Vrij Nederland* de 11 de Setembro de 1982.
- Meulenbroek, Hans, «De Duitse dienstmeisjes», in *Vrij Nederland* de 13 de Novembro de 1982.
- «Waarom geven ze ons altijd schoonmaakwerk?», in *Buitenlandse werkvrouwen over hun werksituatie*, Utreque, B.V.O., 1982.
- «A case of exported women workers — Filipina Workers», World Council of Churches, 1975.
- Studium Generale, *Economie van de huishoudelijke arbeid*, Roterdão, Futile, 1980.
- «Faire le ménage, c'est travailler», *Les Cahiers du GRIF*, 1974.
- «Kollektivering van huishoudelijke arbeid», afdeling vrouwenstudies, sociale fakulteit, universiteit Amsterdam, 1981.
- «New types of employment initiatives especially as relating to women» Study 81/26 by the centre for research on European women, for the commission of the European communities.

ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE

- Bosma, H. A. en Graafsma, T. L. G., *De ontwikkeling van identiteit in de adolescentie*, Nijmegen, Dekker en Van de Veegt, 1982.
- Chodorow, Nancy, *Waarom vrouwen moederen*, Amsterdão, Sara, 1980.
- De Wit en Van de Veer, *Psychologie van de adolescentie*, Nijkerk, Intro, 1982.
- Erikson, Erik H., *Het kind en de samenleving*, Antuérpia, Het Spectrum, 1967.
- Erikson, Erik H., *Identiteit, jeugd en crisis*, Antuérpia, Het Spectrum, 1971.
- Lerner, R. M., e Spanier, G. B., *Adolescent development. A live span perspective*, Nova Iorque, Mc Graw Hill, 1980.
- Marcia, J. E., «Identity in adolescence», in J. Adelson, *Handbook of adolescent psychology*, Nova Iorque, Wiley and Sons, 1980.
- Nuttin, J., *Psychoanalyse en Persoonlijkheid*, Antuérpia, Het Spectrum, 1962.
- Nuttin, J., *La structure de la personnalité*, Paris, PUF, 1965.
- Rubin, Lillian B., «Intimate strangers», Nova Iorque, Harper and Row, 1983.

METODOLOGIA

- Brunt, E., «Feminisme en methodologie, vreemde bedgenoten», in *Intermediair*, de 13 de Maio de 1977.
- Berger, Hartwig, *Untersuchungsmethode und soziale Wirklichkeit*, Francoforte.
- Huizer, Gerrit, «The a-social role of social scientists in underdeveloped countries: some ethical considerations», in *Sociologus*, 23/2.
- Mies, Maria, *Fighting on two fronts: women's struggles and research*, Haia, Institute of Social Studies, 1982.
- Mies, Maria, «Methodische Postulate zur Frauenforschung», in *Heksenkollege*, kath, Universiteit Nijmegen, Outubro de 1977.